

Previsão de catástrofe não se confirma

A hiperinflação ainda não chegou e a atividade econômica mostra vitalidade

FERNANDO BARROS

BRASÍLIA — O mês de setembro chegou, mas com ele não veio o caos previsto por diversos economistas a partir do mês de junho, quando a inflação mensal argentina foi projetada para três dígitos - 114% -, contaminando o ânimo dos agentes econômicos brasileiros. Em entrevista exclusiva ao **Estado**, o ministro Mailson da Nóbrega exorciza a hiperinflação, diz que aqueles vaticínios escondiam premissas falsas e desfia um rosário de índices colhidos recentemente que considera altamente positivos. Anuncia, por exemplo, um crescimento de 5% das exportações acumuladas de janeiro a agosto, em relação ao ano passado, e um aumento de 20% das importações no mesmo período. Visto de fora do governo, o mesmo quadro preocupa os economistas, a maioria dos quais

mexe no calendário mas não altera, em substância, o teor das profecias.

Se nem todos os caminhos de uma economia em crise levam à hiperinflação na primavera, os economistas acreditam que no verão o estouro pode ser maior ainda, produzido pela pressão e calor exercidos pelas altas taxas do **overnight**. "O governo está jogando gasolina no incêndio da economia", afirma Paulo Guedes, do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibamec). "É uma insanidade o que estão fazendo com a dívida interna", diz Décio Munhoz, da Universidade de Brasília. "Irresponsavelmente, o governo está retirando capital do dólar paralelo para o over", critica César Maia (PDT-RJ).

Mailson da Nóbrega recorda que, em junho, o mês de setembro chegou até a ganhar sobrenome: negro, paradigma de uma das mais violentas facções da organização terrorista Al Fatah. Isto porque, neste mês, vencem pagamentos externos da ordem de US\$ 2,3 bilhões. De lá para cá, a economia acumulou resultados impensáveis aquela época, ainda que seus efeitos sejam discutíveis, segundo os

economistas. O ministro da Fazenda chega a admitir conseqüências incontroláveis de uma reversão de expectativas em meio a um fim de governo de transição sem base parlamentar. Ele acha que enfrentar o monstro da inflação cara-a-cara só é possível com o escudo de uma revisão constitucional —especialmente do capítulo tributário e dos privilégios concedidos aos funcionários públicos. Uma missão para seu sucessor, acredita o ministro. Ele vê nas previsões mais catastróficas um bem trabalhado marketing da consultoria econômica a empresas, segundo confidencia a alguns assessores.

Desde junho, o professor Mário Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda, evita alimentar essa discussão. "As possibilidades de hiperinflação são remotas", dizia e repete ainda hoje. O deputado José Serra, um dos principais economistas do PSDB, joga outro foco de luz revelador sobre esta questão: para o governo que está concluindo seu mandato, convém fazer o máximo para adiar a hiperinflação para depois da posse do seu sucessor. Para este, é melhor que a caldeira estoure antes.

Os sinais da retomada

